"Diretas Já" para eleger um governo popular
Pág. 28

A batalha pela democratização da mídia monopolizada
Pág. 31

Lula 2018 com programa de reformas estruturais para o país
Pág. 34

Paulo Pinto/ Agência PT

Diretório Nacional do Partido dos Trabalhadores

Balanço da Presidência

abril de 2011 a junho de 2017

O Partido dos Trabalhadores enfrenta, há alguns anos, um processo de desconstrução, feito de maneira brutal e massacrante, por parte da mídia, que busca criminalizar o PT e seus dirigentes. Isso foi empreendido de forma meticulosa e implementado de maneira impiedosa. À frente do PT, Rui Falcão, nos últimos anos, liderou a resistência, organizou o partido e trabalhou de maneira incessante. Estivemos juntos nesses tempos desafiadores. Reforçamos ainda mais os nossos laços de companheirismo na luta contra o impeachment e na denúncia do Golpe de 2016. Rui vem trabalhando para aglutinar a militância, manter acesa a chama e apontar os caminhos para o enfrentamento dos desafios que teremos pela frente, lutando contra os retrocessos e por novos avanços. Seu papel como presidente do PT e a experiência de quem militou na resistência contra a ditadura demonstram seu compromisso permanente com a construção de uma sociedade mais justa e fraterna. Nesses tempos de luta, Rui mais uma vez mostra a força de suas convicções e o seu profundo compromisso com a nossa Nação. Parabéns, Rui Falcão. E obrigado pela ousadia e coragem na defesa de nosso partido e do povo brasileiro. Sigamos na luta!

Dilma Rousseff
Presidenta legítima do Brasil

O companheiro Rui Falcão fez um trabalho heroico como presidente do PT. Não foi um trabalho fácil. Ele esteve na presidência no período em que nosso partido sofreu o mais pesado ataque midiático que qualquer legenda já sofreu na história da democracia brasileira. Durante todo esse período, Rui se manteve firme, sempre com força e serenidade, transmitindo para os militantes e para a sociedade em geral a grandeza, a importância e a vitalidade do PT dentro da sociedade brasileira, para a construção de um país mais justo e solidário, democrático e soberano.

Luiz Inácio Lula da Silva
Presidente de honra do PT, ex-presidente da República

Ricardo Stuckert/ Instituto Lula

Manifestação em Brasília contra o impeachment e em defesa da democracia, em março de 2016

Lula Marques/ Agência PT

Índice

06 O PT no caminho do futuro

08 Uma presidência com a alma do PT

12 Navegando em tempos instáveis

20 Depoimentos

25 Conselho amplia diálogo do PT com a sociedade

28 "Diretas Já" para eleger um governo popular

31 A dura batalha pela democratização da mídia monopolizada

34 Vamos eleger Lula em 2018

36 Agradecimento

O PT no caminho do futuro

"Tenho a convicção de que seremos capazes de fazer do PT um partido que reacenda a esperança do nosso povo e da militância"

Luia Marques/ Agência PT

Participantes do 3º Congresso da Juventude do PT, que debateu, em agosto de 2015, a conjuntura política e o futuro do partido

Depois de 37 anos, é hora de o PT, nas reflexões que marcarão o 6º Congresso "Marisa Letícia Lula da Silva", ajustar suas contas com a história. O partido ostenta, com orgulho, uma trajetória de lutas vitoriosas, de reveses, e de práticas transformadoras notáveis na vida nacional.

Mais que isso, milhões de homens e mulheres, em cada canto do país, empunham a bandeira vermelha e o estandarte verde e amarelo do Brasil, dispostos(as) a dar a vida pelo nosso projeto histórico de construir uma sociedade socialista, democrática, igualitária, sem qualquer tipo de discriminação e preconceitos.

Nascido das lutas operárias e democráticas do final dos anos 70, o PT foi a síntese de múltiplas experiências libertárias. Forjou-se num momento histórico em que se impunha a unidade de combatentes da ditadura, de líderes sindicais resolutos, de intelectuais, de agentes de Comunidades Eclesiais de Base, enfim, uma junção de militantes dispostos(as) a construir um grande partido de massas e de quadros políticos, por definição socialista.

Um partido que, desde o nascedouro, rompesse com as formas tradicionais de fazer política, que incorporasse milhões e milhões para construir, pela via democrática – disputando ideias e tornando-se hegemônico na sociedade – um outro modelo "sem explorados nem exploradores, sem opressores nem oprimidos".

Mais cedo do que ocorreu na vida da maioria dos partidos com vocação para o poder, o PT chegou à Presidência da República, ao eleger, em 2002, o maior líder popular que as classes trabalhadoras produziram: o companheiro Lula. E, após reconduzi-lo, em 2006, por mais duas vezes chegou ao governo com a companheira Dilma, em 2010 e 2014.

Se colhemos êxitos sucessivos, também fomos vítimas de um rude golpe com o impeachment da presidenta Dilma, imposto sem fundamento e sem que ela tivesse cometido crime de responsabilidade. Desfechado para conter os avanços que promovemos, mas viabilizado também por força de erros do PT e de nossos governos, o fato é que nos esquecemos que as classes dominantes, em determinadas circunstâncias e, principalmente, nos momentos de crise, impõem brutal resistência a processos distributivos de renda que ponham em xeque suas taxas de lucro e a reprodução ampliada do capital.

Para defender seus interesses, removem qualquer obstáculo, inclusive as regras democráticas e a Constituição.

Apesar das incontáveis transformações que promovemos no plano social e dos direitos das maiorias, não conseguimos reformar o Estado, democratizar a mídia, nem alterar a estrutura tributária injusta, concentradora e regressiva.

Em outra direção, confiamos excessivamente na necessária governabilidade institucional, mas descuidamos de impulsionar a luta social, condição necessária para pressionar legitimamente o Congresso e alterar a correlação de forças na sociedade.

No correr do tempo, o PT converteu-se numa espécie de braço parlamentar do governo e quase reduzido a um partido fundamentalmente eleitoral, afastado do cotidiano da política – o que estiolou a vida interna, esvaziou as instâncias deliberativas, os núcleos de base, ao passo que avultava a influência dos mandatos parlamentares e dos governos municipais, estaduais e nacional.

Sem saudosismo, até porque o PT é outro e o Brasil também, mas o PT do futuro necessita resgatar valores de sua origem.

Temos que ir além, não sendo suficiente apenas sintonizar com as novas formas de fazer política (os novos movimentos sociais; a contestação à forma partido; as redes horizontais; as lutas libertárias, identitárias e ambientais; a crise dos sistemas de representação e a necessidade de ampliar mecanismos de democracia direta; a realidade e configuração das novas classes trabalhadoras e as aspirações das juventudes).

Para tanto, é preciso devolver poder às instâncias de base; refazer os laços de fraternidade e solidariedade entre militantes; combater o oportunismo e o personalismo; fazer prevalecer o princípio do coletivo sem sufocar as individualidades; respeitar as decisões democráticas da maioria e garantir os direitos das minorias e das tendências políticas. E, sobretudo, restabelecer a unidade de ação em todas as atividades, dentro e fora do Congresso Nacional.

Luta contra a opressão

Tenho a convicção de que seremos capazes de fazer do PT um partido que reacenda a esperança do nosso povo e da militância. Que anime uma nova prática política, para lutar por um mundo em que "seres humanos e pessoas criativas não alienados(as) surjam munidas de um novo e confiante sentido de si e de ser coletivo". E que, nesse novo mundo, a "busca perpétua da novidade continue" (David Harvey, em "17 Contradições e o Fim do Capitalismo").

Claro que tudo isso supõe para o PT e para a esquerda uma luta prolongada contra as formas de opressão e repressão típicas do capitalismo. Uma batalha sem trégua, sem descanso, uma luta de classes contra os capitalistas, o capital e suas contradições.

A publicação que você tem em mãos aborda, sinteticamente, os seis últimos anos do nosso partido, período em que tive a honra de presidi-lo. Numa visão pessoal, buscamos apresentar as principais linhas de ação da nossa gestão.

Considero que prestar contas do nosso trabalho é uma obrigação. Foi um período de muita luta, aprendizado e construção coletiva. Tenho muito a agradecer a todos(as) que estiveram conosco nessa empreitada.

Espero que as próximas páginas ajudem na preservação da memória do PT, para que as próximas gerações conheçam — e fortaleçam — a nossa luta.

Rui Falcão
Presidente nacional do PT

Paulo Pinto/Agência PT

Delegados e militantes participam da abertura do 6º Congresso do PT de São Paulo, preparatório para o Congresso Nacional

Uma presidência com a alma do PT

A construção coletiva, a busca incansável pelo consenso, a paridade de gênero e o fim das doações privadas ao PT foram marcos de uma gestão que enfrentou o período de maior ataque ao partido na sua história

A gestão de Rui Falcão teve a cara e a alma do PT: muita luta, muita construção, vitórias, derrotas, diálogo e uma enorme vontade de construir um Brasil mais justo para a maioria da nossa população. Após seis anos, entre abril de 2011 e maio de 2017, temos hoje um partido pronto para seus novos desafios. Sendo o maior deles, sem dúvida, eleger o companheiro Luiz Inácio Lula da Silva presidente da República em 2018.

Estar à frente do **"mais vibrante e atuante partido de massas já nascido neste país"**, como definiu Rui em seu discurso de posse após ser reeleito, foi um desafio complexo e que exigiu qualidades de um experiente dirigente político para enfrentá-lo. Mas também demandou um bom negociador, de tradição democrática e aberto ao diálogo.

"Durante todo esse período, Rui se manteve firme, sempre com força e serenidade", resumiu o ex-presidente Lula.

Como presidente, Rui fez questão de transformar seu mandato em uma construção coletiva. Apoiado no jeito sereno, mas firme de conduzir, ele atuou em áreas distintas, como a negociação com outros partidos para a composição da base aliada do governo Dilma, a mediação nas discussões entre as correntes internas do PT, e no relacionamento com nossas bancadas de deputados(as) e senadores(as).

Em sua gestão, nenhuma decisão importante foi tomada sem consulta ao Diretório e à Executiva. A única exceção foi a orientação de votar contra Eduardo Cunha no Conselho de Ética da Câmara dos Deputados. Quando havia conflitos, as discussões eram longas e, na grande maioria dos casos, se chegava ao consenso. A prerrogativa de maioria deu lugar ao diálogo interno. Era comum o próprio Rui conduzir a discussão, redigir o documento e colocá-lo em votação.

"Seu mandato foi marcado pelo diálogo, pelo respeito aos diferentes pensamentos e posicionamentos dentro do partido e pela defesa da unidade partidária. Em situações de conflito, Rui foi sempre um mediador justo, o que o levou em certos momentos a ser incompreendido por alguns, que mesmo assim eram tratados por ele com elegância e respeito", diz Luizianne Lins, deputada federal pelo Ceará e integrante do Diretório Nacional.

Ao assumir a Presidência, eleito por unanimidade pelo Diretório Nacional após a renúncia do saudoso companheiro José Eduardo Dutra, Rui Falcão definiu ser prioritário que o PT se aproximasse mais dos movimentos sociais. Além das identidades programáticas, esses **"irmãos em armas"** seriam fundamentais no enfrentamento das forças reacionárias que, a partir da AP 470 (apelidada de "mensalão"), começavam a se articular para golpear o PT e as forças populares do Brasil. Rui assumiu a representação do partido junto da nascente Frente Brasil Popular, estreitou os laços com o MST e a CUT, além de outros movimentos sociais.

"Temos o Rui Falcão como um importante aliado das lutas populares", diz Guilherme Boulos, da Coordenação Nacional do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST). **"Não foram poucas as vezes em que estivemos juntos nas ruas, no último período, na luta pela democracia e por direitos sociais"**, completa.

Na mesma linha, João Paulo Rodrigues, da direção nacional do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), lembra que quando Rui assumiu logo buscou os movimentos populares: "**Ele reorganizou a relação do partido com os movimentos sociais. Lembro que uma das primeiras visitas dele como presidente foi à sede do MST"**.

O início da gestão Rui também foi marcado pelas viagens para todas as capitais do Brasil, além das principais cidades onde o PT está organizado. Apenas em 2012, suas viagens pelo Brasil somaram 300 mil quilômetros. Reconduzido à Presidência em 2013, recebeu cerca de 70% dos votos no PED com a proposta central de aumentar o diálogo interno e com a sociedade.

Coube ainda a Rui Falcão implementar a primeira Direção Nacional com paridade de gênero e 20% de cotas etnicorraciais e de juventude. Em particular, o presidente buscou abrir espaço para a juventude petista. Sempre que possível pedindo para que seus dirigentes se manifestassem sobre os temas mais importantes da agenda política nacional.

Mulheres e jovens

"A questão da paridade foi um desafio enorme, mas fundamental para a luta histórica do feminismo, da juventude, dos negros e negras e, principalmente, do PT, que tem essas bandeiras como fundamentais para a democracia", diz Maristella Victor de Matos, secretária nacional de Mobilização.

Essa aproximação do PT com a juventude foi impulsionada pelas manifestações de junho de 2013. Na época, Rui se envolveu diretamente nas negociações com o então prefeito petista de São Paulo, Fernando Haddad, para que fossem revertidos os aumentos das passagens do transporte coletivo. Além disso, dialogou com a presidenta Dilma Rousseff na elaboração das propostas apresentadas pelo governo como resposta às reivindicações das ruas.

Outra área de atuação importante foi na relação entre o partido e suas bancadas

Rui fez questão de manter reuniões regulares para alinhar as estratégias de ação entre o partido e seus representantes no Congresso Nacional

Hotel Pullman

Encontro sobre conjuntura política, com a participação de Lula, reuniu parlamentares do partido em novembro de 2016

parlamentares. Rui fez questão de manter reuniões regulares para alinhar as estratégias de ação entre o partido e seus representantes no Congresso.

"Como líder do PT e depois como líder de governo da Dilma, sempre tive uma relação de muita parceria com ele. O Rui Falcão soube compreender e entender os nossos dilemas, e institucionalizamos uma coisa que faltava muito, que era uma relação permanente, diária, e constituinte da relação da presidência nacional do PT com a nossa bancada", diz o deputado José Guimarães (CE).

Experiência e militância

Quem conhece Rui Falcão tem a impressão de que ele se preparou por toda a vida para assumir a presidência do PT. Ainda muito jovem, recém-saído da Faculdade de Direito da USP, entrou para a luta armada contra o regime militar, o que lhe custou três anos de prisão. Livre, trabalhou como jornalista enquanto construía sua carreira política, que incluiu participar da fundação do Partido dos Trabalhadores.

No Legislativo, foi eleito deputado estadual de São Paulo por quatro vezes, tendo sido também eleito como suplente de deputado federal, licenciando-se do mandato de dois anos para assumir a Secretaria de Governo na gestão da ex-prefeita Marta Suplicy (2001 a 2004).

Assumiu ainda a Presidência do PT em 1994, quando Lula deixou o cargo para disputar a Presidência da República. Como liderança partidária, trabalhou na coordenação das campanhas de Marta (2000), Lula e Dilma à Presidência da República.

"Sua ênfase na emulação das lutas sociais e agregação das que transcorrem fragmentadas em torno do PT desafiaram positivamente e valorizaram ainda mais o papel de liderar o maior partido de esquerda de todos os tempos no Brasil", diz o economista Marcio Pochmann, atual presidente da Fundação Perseu Abramo.

Em busca do ideal de construir uma gestão participativa, Rui Falcão criou o Conselho da Presidência do PT, abrindo o partido para pessoas de destaque na sociedade brasileira, mesmo que sem ligação orgânica com o partido.

"Essa iniciativa de propor uma discussão intensa e contundente sobre a contribuição do partido ao país, e a busca de meios para que essa contribuição se concretize, foi uma iniciativa de Rui Falcão", diz o jornalista e escritor Eric Nepomuceno, integrante do Conselho, para quem Rui **"teve essa digna coragem: abrir o abraço para receber os eventuais críticos que, no fundo, não são mais do que companheiros de batalha"**.

O diálogo constante com a sociedade, por sinal, foi uma das marcas da gestão de Rui Falcão. Ele se materializou, por exemplo, na publicação de diversos artigos e entrevistas nos principais meios de comunicação do país. A estruturação das redes sociais do PT, realizada de maneira profissional e com grande incentivo da direção partidária, também é um marco de gestão.

Hoje, o PT tem participação expressiva no Facebook e no Twitter, por exemplo, conversando com milhões de brasileiros que, em muitos casos, se comunicam prioritariamente por intermédio dessas novas ferramentas. Semanalmente, Rui escreve um artigo ou grava um vídeo com mensagens para a militância que é publicado pela Agência PT (www.pt.org.br).

Em sua gestão, o partido também elaborou uma série de publicações para defender o legado do PT diante dos ataques dos adversários políticos e da mídia, reforçando a importância do partido para a democracia brasileira. Nesse período, foram publicadas as revistas **"Em Defesa do PT, da Verdade e da Democracia"**, uma enfática defesa do partido contra as mentiras que a imprensa vinha veiculando e uma apresentação das ações dos governos do PT para combater a corrupção; o caderno **"A Caçada Judicial ao ex-Presidente Lula"**, um minucioso trabalho que desmontou as acusações contra Lula e a campanha para desmoralizá-lo publicamente; o documento **"O Futuro Está na Retomada das Mudanças"**, que, em fevereiro de 2016, apresentava ao governo Dilma um plano de emergência composto por 22 itens; e, finalmente, um material originado do seminário **"O Que a Lava Jato tem Feito Pelo Brasil"**, com depoimentos de várias figuras importantes sobre o caráter direcionado da investigação e suas consequências danosas para a economia, a política e o Estado Democrático de Direito no país.

Um dos momentos altos da gestão de Rui Falcão foi a organização do 5º Congresso Nacional do Partido dos Trabalhadores, dividido em duas etapas, em Brasília e em Salvador, e batizado de Luiz Gushiken e Marcelo Déda. Seu documento final foi o primeiro a denunciar a atuação conjunta das forças da mídia, do Judiciário e do Ministério Público numa verdadeira **"campanha de cerco e aniquilamento"** do PT. O documento via na ação conjunta dessas forças no episódio da AP 470 o embrião de algo ainda mais grave, que seria batizado de "Lava Jato".

Além de denunciar a campanha contra o PT, o documento final do Congresso fez uma enfática defesa da democracia, cobrou mudanças na gestão da economia do país, reforma política e democratização da comunicação. Coerente com a defesa do financiamento público das campanhas eleitorais, o Congresso ainda referendou que o partido não aceitasse mais doações de empresas. Meses depois, o Supremo Tribunal Federal (STF) alterou a legislação eleitoral e essa norma foi estendida para os demais partidos.

Em meio à caçada judicial imposta ao PT e promovida impiedosamente pela mídia, Rui Falcão soube manter a serenidade e as portas abertas ao diálogo, sem, contudo, deixar de lado suas responsabilidades históricas à frente do maior partido de esquerda do Brasil. Sobre a perseguição, ele alertou em nota oficial: **"Que não se iludam os pescadores das águas turvas do golpismo: o povo brasileiro, do qual o ex-chefe de Estado é seu filho mais ilustre, saberá resistir e derrotar as forças do ódio e do retrocesso"**.

Para barrar o peso do poder econômico na política, o 5º Congresso do PT referendou a decisão do partido de não aceitar mais doações de empresas

Milhares de manifestações contra o golpe foram realizadas em todo o país, como essa, em Brasília, na noite de 18 de março de 2016

Lula Marques/ Agência PT

Navegando em tempos instáveis

Após ser acusado injustamente de comprar votos no Congresso Nacional, o PT vem enfrentando o período mais difícil desde sua fundação. O ápice é a chamada Operação Lava Jato

A gestão de Rui Falcão enfrentou os piores momentos da história do PT: **"Sofremos uma campanha de cerco e aniquilamento"**, sintetizou o presidente da legenda a jornalistas.

Os historiadores do futuro dedicarão um tempo especial à análise dos fatos ocorridos no Brasil do início do século XXI. Buscarão respostas para tentar entender como um país que se destacou no cenário internacional, com políticas de redução da pobreza e uma economia pujante, subitamente deu passos largos para trás, a ponto de ser novamente reconhecido como uma republiqueta.

Até lá, talvez consigam explicar como as forças conservadoras retomaram o governo sem receber um único voto nas urnas, ao contrário do que ocorria no restante do mundo, com o argumento de que lutavam contra a corrupção que sempre alimentaram. Uma conspiração à luz do dia, com apoio de setores do Judiciário, da mídia, da indústria e da velha política.

Não é exagero dizer que o golpe de estado contra o PT começou a ser gestado em 2005, quando o partido foi injustamente acusado de comprar votos no Congresso Nacional. A denúncia nunca se sustentou. Durante o processo, que contou com uma cobertura enviesada desde o início, as provas a favor do Partido dos Trabalhadores foram solenemente ignoradas pelo Supremo Tribunal Federal (STF), que se ancorou em teses jurídicas exóticas para incriminar, sem provas, companheiros petistas.

Rui Falcão assumiu o comando do partido no meio dessa tormenta, mais precisamente em abril de 2011. Companheiros valorosos foram cruelmente atacados e condenados por um tribunal de exceção, naquela que seria uma antecipação do *modus operandi* adotado a partir dali contra o Partido dos Trabalhadores.

Em nota divulgada pela Comissão Executiva Nacional, em novembro de 2012, Rui Falcão chamou a atenção para os desdobramentos do julgamento promovido pelo STF. **"O PT envidará todos os esforços para que a partidarização do Judiciário, evidente no julgamento da Ação Penal 470, seja contida. Erros e ilegalidades que tenham sido cometidos por filiados do partido no âmbito de um sistema eleitoral inconsistente – que o PT luta para transformar através do projeto de reforma política em tramitação no Congresso Nacional – não justificam que o poder político da toga suplante a força da lei e dos poderes que emanam do povo"**.

Nunca é demais lembrar que o julgamento da AP 470 foi iniciado junto à corrida eleitoral de 2012 e dividiu as atenções do país com os pleitos municipais. Apesar de todos os abusos cometidos e da perseguição implacável promovida por órgãos de imprensa, o PT ainda obteve resultados expressivos nas urnas, assumindo o comando de 632 municípios e capitais como São Paulo, Rio Branco, Goiânia e João Pessoa. Embora tenha sido derrotado em Recife, cuja perda se deveu, em grande medida, a erros da direção nacional, sob a responsabilidade direta do presidente do DN.

Para Rui Falcão, os resultados foram um reconhecimento aos governos Lula e Dilma. **"Em apenas uma década, reduzimos a pobreza a níveis jamais imaginados, ampliamos o acesso à educação, distribuímos melhor a renda e levamos o país a outro patamar no cenário internacional. Até os governos do PT, o Brasil nunca havia sido o protagonista de sua própria história. Saímos da condição de país de Terceiro Mundo para a de uma nação de futuro brilhante, com uma Copa do Mundo e uma Olimpíada pela frente"**.

Tudo ou nada

Os ânimos começaram a mudar a partir de junho de 2013. Após um ataque da polícia do PSDB paulista contra estudantes secundaristas que lutavam pela redução

"Condenam-nos não por nossos erros, que certamente ocorrem numa organização que reúne milhares de filiados. Perseguem-nos pelas nossas virtudes. Não suportam que o PT, em tão pouco tempo, tenha retirado da miséria extrema 36 milhões de brasileiros e brasileiras", afirma Rui Falcão

dos preços das passagens de ônibus, milhões de pessoas saíram às ruas para manifestar-se contra a classe política, num movimento considerado naquele momento como "sem partido".

A resposta da presidenta Dilma Rousseff foi rápida. Em cadeia de rádio e tevê, ela propôs a adoção de cinco pactos nacionais (por responsabilidade fiscal, reforma política, saúde, transporte e educação) e a realização de uma consulta popular sobre a formação de uma constituinte específica para tratar da reforma política.

As propostas não andaram por oposição (e letargia) de uma parcela do Congresso Nacional e pelo desinteresse da mídia, pois ambos já apostavam no desgaste do governo às vésperas de um ano eleitoral e tentavam criar mais dificuldades ao PT para a disputa.

Essa indisposição contra o governo do PT ficou mais clara em 2014. Depois de três derrotas nas urnas, o PSDB começou a arregimentar apoios com a certeza de que o PT seria finalmente massacrado nas eleições. Sem o menor constrangimento, aliados de outrora começaram a desembarcar do governo Dilma.

A movimentação não passou despercebida. Em março daquele ano, Rui Falcão cobrou publicamente o PMDB e seu então líder na Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, pelo comportamento. **"Embora ele seja de um partido de base do governo, (o PMDB) tem se comportado como oposição. Eu tenho pedido para que ele se defina"**, afirmou em entrevista o presidente do PT.

Mesmo com a reeleição da presidente Dilma Rousseff, o ano de 2015 começou difícil para o Partido dos Trabalhadores. Após diversos vazamentos de denúncias, o secretário de Finanças do partido, João Vaccari Neto, foi preso. Rui Falcão condenou veemente o ato: **"A detenção de João Vaccari Neto é injustificada visto que, desde o início das investigações, ele sempre se colocou à disposição das autoridades para prestar qualquer esclarecimento que lhe fosse solicitado. Convocado, prestou depoimento na Delegacia da Polícia Federal de São Paulo, em 5 de fevereiro deste ano. Além disso, na CPI da Petrobras, respondeu a todas as questões formuladas pelos parlamentares".**

A campanha contra o PT se acirrava. Durante o 5º Congresso Nacional do partido, em junho de 2015, Rui Falcão alertou a militância em discurso: **"Condenam-nos não por nossos erros, que certamente ocorrem numa organização que reúne milhares de filiados. Perseguem-nos pelas nossas virtudes. Não suportam que o PT, em tão pouco tempo, tenha retirado da miséria extrema 36 milhões de brasileiros e brasileiras"**.

Foi ainda no 5º Congresso que o PT sacramentou a decisão de não mais receber doações empresariais. A decisão do partido foi duramente criticada pelo ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Gilmar Mendes, em setembro de 2015, o que gerou uma resposta firme da presidência do PT: **"Gilmar Mendes falta com a verdade quando atribui ao PT oportunismo na decisão de condenar o financiamento empresarial. Todos sabem que a defesa do financiamento público e, portanto, a proibição do financiamento empresarial das campanhas eleitorais, é uma bandeira histórica do PT. Mais do que isso, o PT, em conjunto com centenas de entidades democráticas e movimentos sociais, luta pela realização de uma verdadeira reforma política, através de uma assembleia constituinte convocada exclusivamente para essa finalidade"**.

A conspiração

Na mesma época, surgiu o componente que as forças conservadoras e a mídia buscavam para desequilibrar o jogo eleitoral a favor dos tucanos: a chamada Operação Lava Jato. Evocando novamente o combate à corrupção, a exemplo do que já havia ocorrido no julgamento da AP 470, os responsáveis pela operação ajustaram o timing de suas ações ao calendário eleitoral e trabalharam em parceria com os principais veículos da mídia para impedir mais uma vitória do Partido dos Trabalhadores.

Para isso, usaram artifícios ilegais, como o vazamento de informações sigilosas, ilações e acusações sem provas por meio de operações espetaculosas. A desfaçatez foi tamanha que chegaram a divulgar detalhes de delações no período entre o primeiro e o segundo turno da eleição, num esforço para prejudicar Dilma Rousseff.

O papel desempenhado pela mídia nacional merece um parágrafo à parte. Afinal, não bastava ser claramente favorável à candidatura de Aécio Neves, ignorando as denúncias do tucano em sua passagem pelo governo de Minas Gerais.

A revista "Veja" se destacou dos demais ao antecipar sua edição anterior ao segundo turno, trazendo uma capa mentirosa sobre a delação de um doleiro preso em Curitiba. O material foi prontamente repercutido nos telejornais da TV Globo e distribuído pelos cabos eleitorais do PSDB.

O golpe midiático foi um fracasso, pois Dilma Rousseff saiu das urnas com a maioria dos votos, graças à dedicação de nossa militância, que foi às ruas para defender o projeto petista. Falcão foi o coordenador da campanha vitoriosa de Dilma.

Vale tudo

A partir daí, ficou muito clara a disposição da oposição em derrubar Dilma Rousseff. Já no dia seguinte à reeleição da presidenta, os tucanos começaram a questionar a segurança das urnas eletrônicas. Depois, as contas da chapa PT/PMDB e assim sucessivamente.

Manifestação de mulheres em defesa da presidenta Dilma Rousseff realizada em abril de 2016

Lula Marques/ Agência PT

A chegada de Eduardo Cunha à Presidência da Câmara, com o apoio de deputados recém-chegados ao parlamento e de viés extremamente conservador, foi a cereja que faltava no bolo dos golpistas. Dilma não teve mais sossego e seu governo foi sabotado diuturnamente por um grupo de parlamentares chantagistas e oportunistas, engrossado por movimentos supostamente moralizadores patrocinados pela mídia e por organizações civis e empresariais de direita.

Em conluio com setores do poder Judiciário, a imprensa, especialmente a TV Globo, assumiu a linha de frente para desestabilizar o governo petista, promovendo manifestações e exibindo com destaque os "panelaços" nas varandas gourmet de bairros abastados das capitais brasileiras.

Horas e horas de telejornais, em horário nobre, foram dispensadas para atacar os governos Lula e Dilma. Em dia de manifestações contra o governo do PT, a emissora transferiu o horário de jogos de futebol para o período da manhã somente para transmitir ao vivo, e com bastante euforia, o que chamava de "festa da democracia" – um tratamento completamente oposto ao que era dispensado às manifestações favoráveis ao governo Dilma.

Traições de todos os lados

Eduardo Cunha manobrava e sabotava as ações do governo às claras. Mesmo acusado de desvios bilionários, transformou-se em um ícone das manifestações contra o PT. Para escapar de uma cassação do mandato, o deputado do PMDB exigiu os votos petistas no Conselho de Ética da Câmara em troca do arquivamento dos estapafúrdios pedidos de impeachment que se somavam contra Dilma.

O PT foi firme nesse episódio. No dia 12 de dezembro, o presidente Rui Falcão emitiu uma nota orientando os parlamentares, com o apoio da militância petista, a não cederem às chantagens de Cunha.

Vingativo e sintonizado com outros conspiradores, Cunha acatou o pedido de impeachment e o processo começou a tramitar na Câmara Federal, amparado por um parecer encomendado pelo PSDB ao custo de R$ 45 mil, que acusava o governo de cometer crime de responsabilidade fiscal antes de o ano fiscal ter se encerrado.

Porém, um dos momentos mais difíceis para o PT foi enfrentar a delação mentirosa do ex-senador Delcídio do Amaral, eleito pelo Mato Grosso do Sul. Ex-líder de Governo no Congresso Nacional, Delcídio foi preso em flagrante no dia 25 de novembro de 2015 sob as acusações de obstrução de investigações e destruição de provas.

O PT reagiu imediatamente, por meio de uma nota assinada por Rui Falcão. **"Nenhuma das tratativas atribuídas ao senador tem qualquer relação com sua atividade partidária, seja como parlamentar ou como simples filiado"** e, por isso, dizia a nota, **"o PT não se julga obrigado a qualquer gesto de solidariedade"**. Inicialmente, Delcídio teve sua filiação suspensa por dois meses. Em março do ano seguinte, após a homologação do acordo de delação premiada junto ao STF, antecipando-se a uma previsível expulsão por conduta antiética, o senador entregou sua carta de desfiliação do partido ao diretório de Campo Grande.

> "A condução coercitiva do ex-presidente Lula representa um ataque à democracia e à Constituição. Trata-se de novo e indigno capítulo na escalada golpista que busca desestabilizar o governo da presidenta Dilma Rousseff, criminalizar o Partido dos Trabalhadores e combater o principal líder do povo brasileiro."
> *Nota oficial do PT*

Nada, porém, foi mais infame que a conspiração iniciada pelo vice-presidente Michel Temer para depor sua colega de chapa. Hoje, sabemos que o usurpador que ocupa a Presidência tramou todos os lances em parceria com Eduardo Cunha e com a tropa de choque do PSDB.

Agora, eles comandam uma quadrilha, que opera o projeto de poder derrotado nas últimas quatro eleições, colocando em marcha a política de arrocho salarial, revogação de direitos trabalhistas, desmonte da Previdência Social, privatizações, perdão de dívidas de grandes conglomerados e grupos econômicos, enfim, a retomada

Tempos Instáveis

PT enfrentou as chantagens de Eduardo Cunha

Na tarde de 1º de dezembro de 2015, Rui Falcão escreveu em seu Twitter: "Confio em que nossos deputados, no Conselho de Ética, votem pela admissibilidade". A mensagem expressava a orientação do presidente do PT pela abertura do processo contra Eduardo Cunha no Conselho de Ética da Câmara, num momento em que a grande mídia insinuava a existência de um acordo para salvar o então presidente da Casa.

Como se viu no episódio, os três petistas no Conselho votaram pelo prosseguimento do processo contra o deputado do PMDB. O PT deu o recado de que não estava alinhado e nem se submeteria às chantagens do então presidente da Câmara dos Deputados, eleito em fevereiro daquele ano. No período em que liderou a Câmara, Cunha se notabilizou pela atuação fisiológica contra o governo Dilma.

As manobras de Cunha ajudaram a minar o início do segundo mandato de Dilma. Logo na largada, o ex-deputado e sua turma aprovaram um conjunto de "pautas-bomba" para sabotar a política econômica do governo, obstruíram votações importantes e usaram artimanhas para defender seus interesses e contrariar o Palácio do Planalto. Um dos casos mais emblemáticos nesse sentido talvez tenha sido a aprovação das doações empresariais para as campanhas políticas do ano seguinte.

Durante mais de um ano, o país ficou à mercê de um golpista, acusado pela Procuradoria Geral da República de crimes de corrupção passiva e lavagem de dinheiro. Mesmo com um pedido para seu afastamento da presidência da Casa, Cunha permaneceu no cargo com o apoio de setores da mídia e do empresariado, por se tratar de uma peça importante no roteiro do golpe.

Gente que se dizia contra a corrupção o tratava como herói, a ponto de saudá-lo nas ruas e em redes sociais com a hashtag #somostodoscunha.

Assim que o PT votou a favor da abertura do processo de cassação de Cunha no Conselho de Ética, o deputado do PMDB colocou em prática a vingança já planejada: mesmo sem qualquer base legal, acatou a abertura da tramitação do pedido de impeachment contra Dilma. Houve quem argumentasse, com extremo pragmatismo, que votar contra Cunha jogaria a culpa do impeachment no colo do PT. Porém, curvar-se à chantagem mancharia em definitivo a história do partido. No final, prevaleceu a orientação do presidente Rui Falcão.

O STF manteve Cunha no cargo de presidente da Câmara, contrariando o pedido de afastamento da Procuradoria Geral da República (PGR). Em conluio com o vice golpista Michel Temer e com seus neoaliados do PSDB e de outros partidos da Casa, Cunha deu o pontapé inicial do golpe, que se concretizou meses depois sob sua presidência, naquela que será lembrada como uma das sessões mais vergonhosas da história do Congresso Nacional.

Um mês após o golpe, no entanto, o STF afastou Cunha do mandato e da presidência da Câmara. Em setembro, ele foi definitivamente cassado por seus pares. Está preso desde outubro de 2016.

Lula Marques/ Agência PT

Ato em Brasília, em 18 de março de 2016, em defesa da manutenção de Dilma Rousseff na Presidência

da política neoliberal promovida por FHC no Governo Federal.

O início de 2016 foi turbulento, com manifestações de ambos os lados e uma instabilidade política poucas vezes vista em nossa história. A cada semana, novas denúncias, prisões e acusações que ganhavam tom de verdade nos telejornais, ao mesmo tempo em que deputados e senadores aceleravam a tramitação do processo de impeachment dentro do Congresso Nacional.

O caminho do impeachment

Eduardo Cunha, contra quem já pesavam várias acusações de enriquecimento ilícito, agia como um trator, atropelando o regimento e convocando sessões a toque de caixa para encurralar o governo.

Nesse momento, o Poder Judiciário instalado em Curitiba já havia perdido os limites da razoabilidade, antecipando condenações à imprensa e fazendo uso de todo tipo de subterfúgio para enfraquecer ainda mais a administração federal.

Dois episódios marcaram esse período e jogaram ainda mais lenha na fogueira do golpe. O primeiro foi a desnecessária e ilegal condução coercitiva de Lula, no dia 4 de março. Nesse dia, Rui Falcão condenou duramente a ação: **"A condução coercitiva do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva representa um ataque à democracia e à Constituição. Trata-se de novo e indigno capítulo na escalada golpista que busca desestabilizar o governo da presidenta Dilma Rousseff, criminalizar o Partido dos Trabalhadores e combater o principal líder do povo brasileiro. Setores do aparato policial e judicial do Estado, mancomunados com grupos de comunicação e a oposição de direita, são o centro dirigente de uma operação destinada a subverter o resultado das urnas"**, afirmou. O outro momento foi o vazamento ilegal de um telefonema grampeado de uma conversa da presidenta da República com Lula.

A noite da vergonha

A sessão de 17 de abril na Câmara dos Deputados será lembrada para sempre como um dos momentos mais vergonhosos da política nacional. Seja lá quem venha a analisar esses fatos no futuro, com certeza reconhecerá que o teatro exibido em rede nacional pelos congressistas brasileiros foi patético e constrangedor.

Figuras historicamente envolvidas em casos de corrupção registraram seus votos contra Dilma homenageando o Brasil, a própria família, diversas igrejas e até torturadores do regime militar. Em nota, o partido condenou a decisão por considerá-la arbitrária e por romper a regra constitucional. **"O PT conclama todos os homens e mulheres comprometidos com a democracia para que se mantenham mobilizados, ocupando as ruas contra a fraude do impeachment. Nossa missão é defender a Constituição contra a aliança dos barões da corrupção, da mídia e da plutocracia, que tenta sequestrá-la"**, destacou comunicado oficial.

Ao contrário da cobertura enviesada dos veículos locais, os jornais estrangeiros destacaram em suas páginas o lado grotesco do golpe e suas idiossincrasias. O britânico "The Guardian", um dos mais influentes do mundo, descreveu o acontecimento da seguinte maneira: "Em alguns momentos, a sessão expôs o lado farsesco da democracia brasileira, como o fato de o Partido da Mulher ter apenas deputados homens, ou o Partido Popular Socialista, que é um dos grupos mais à direita do Congresso".

O norte-americano "The New York Times" fez um diagnóstico ainda mais avassalador: "Dilma é uma das raras figuras políticas no Brasil que não está enfrentando acusações de enriquecimento pessoal ilícito", publicou.

O PT manteve-se firme, ao lado da presidenta, e ainda alertou os brasileiros da farsa que havia sido encenada em Brasília. **"Nossa mobilização, plural e unitária, vai muito além do apoio ao governo liderado por nosso partido. Acima de tudo, defendemos a ordem democrática e repudiamos o programa dos golpistas, que planejam arrochar salários; reverter a política de reajustes do salário-mínimo; mexer com os direitos dos aposentados; anular vinculações constitucionais da saúde e da educação — enfim um programa regressivo, antipopular e antinacional"**, previu a nota emitida pelo partido, logo após a votação ocorrida no Senado Federal em maio de 2016. Hoje, infelizmente, essa previsão se tornou realidade.

"O PT conclama todos os homens e mulheres comprometidos com a democracia para que se mantenham mobilizados, ocupando as ruas contra a fraude do impeachment. Nossa missão é defender a Constituição contra a aliança dos barões da corrupção, da mídia e da plutocracia, que tenta sequestrá-la", disse Rui Falcão

Lideranças destacam uma gestão "firme e serena"

Aproximação com movimentos sociais, defesa incansável do partido, transparência, integração com os parlamentares e implementação da paridade. Confira, nas palavras de várias lideranças, a avaliação do papel de Rui Falcão como presidente do PT

Kamilla Rodrigues

João Paulo Rodrigues

Dirigente nacional do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)

"O Rui Falcão teve um papel muito importante na direção do PT em três aspectos. Primeiro: ele reorganizou a relação do partido com os movimentos sociais. Lembro que uma das primeiras visitas dele como presidente foi à sede do MST. O que não significa que todo o PT fez essa mudança, infelizmente. Mas a Presidência do PT fez. Segundo: ele conseguiu deixar o PT no rumo certo, sem debandadas inclusive, no pior momento da história do partido. Terceiro aspecto: por não estar envolvido em nenhum episódio de acusação de corrupção, o Rui Falcão tem sido um grande exemplo para a militância. A imprensa tentou muito, o tempo todo, envolver o Rui, mas não conseguiu. Ressalvo que eu não quero aqui ser moralista. Mas, sim, o Rui é um grande exemplo para a militância."

CUT / Divulgação

Vagner Freitas

Presidente nacional da CUT

"Eu convivi com a gestão inteira do Rui Falcão e tenho todo o respeito por ela. O Rui aceitou e enfrentou bravamente um dos maiores desafios que o PT já teve, a tentativa ainda em curso de desconstrução do partido e do legado dos governos petistas. E não se acovardou em nenhum momento. A mídia, hoje, não quer só desconstruir, mas extinguir o PT. Só por enfrentar isso, ele já merece o nosso respeito. O Rui estará para sempre na memória do PT como um dirigente muito respeitável."

Marcos Oliveira / Agência Senado

Gleisi Hoffmann

Líder do PT no Senado

"Rui Falcão é um homem na luta contra a intolerância política que assombra o Brasil. Como presidente nacional do PT, foi voz ativa a denunciar a implacável perseguição a nosso partido e lideranças por parte daqueles que querem acabar com o Estado Democrático de Direito e com os avanços sociais conquistados pelo povo, especialmente os mais pobres, nos últimos anos. Rui também foi incansável na defesa do legado e da honra do presidente Lula. Estaremos sempre juntos nessa caminhada! Salve, Rui!"

Lula Marques / Agência PT

Guilherme Boulos

Coordenação Nacional do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST)

"Temos o Rui Falcão como um importante aliado das lutas populares. Não foram poucas as vezes em que estivemos juntos nas ruas, no último período, na luta pela democracia e por direitos sociais. O Rui também tem sido um importante apoiador da luta por moradia levada a cabo pelo MTST. Tem o nosso respeito."

Elza Fiúza / Agência Brasil

Marcio Pochmann

Presidente da Fundação Perseu Abramo

"A redefinição da democracia frente aos limites da crise maior do capitalismo global é central para a transformação contínua da realidade brasileira em prol da classe trabalhadora. E é isso que defende Rui Falcão em sua trajetória de militante, sobejamente na condição de presidente do Partido dos Trabalhadores.

Sua ênfase na emulação das lutas sociais e agregação das que transcorrem fragmentadas em torno do PT desafiaram positivamente e valorizaram ainda mais o papel de liderar o maior partido de esquerda de todos os tempos no Brasil."

Moreira Mariz / Agência Senado

Humberto Costa

Senador pelo PT de Pernambuco e líder da minoria

"Rui teve serenidade e competência para conduzir o PT por mares extremamente revoltos. Fomos submetidos ao maior processo de perseguição política em regimes democráticos, que acabou culminando com um golpe parlamentar e a deposição de uma presidenta legitimamente eleita. Como presidente do partido, Rui foi uma figura fundamental para levar o PT por essa tormenta, que nos derrubou de um governo popular, mas nos deixou com a força do maior partido de oposição do Brasil às forças retrógradas, conservadoras e reacionárias que tomaram o poder de assalto e assumiram de forma ilegítima o comando do país."

José Guimarães

Deputado federal do Ceará

Gustavo Lima / Agência Câmara

"Rui Falcão foi um presidente exemplar porque soube cuidar do PT nos momentos mais difíceis de sua história. Teve habilidade para ser um presidente de todos, desde quando assumiu a presidência, em um momento extremamente grave da vida do partido, com uma agenda positiva em todos os estados. Como líder do PT e depois como líder de Governo da Dilma, sempre tive uma relação de muita parceria com ele. O Rui Falcão soube compreender e entender os nossos dilemas, e institucionalizamos uma coisa que faltava muito, que era uma relação permanente, diária, e constituinte da relação da presidência nacional do PT com a nossa bancada. Ele cumpriu bem sua missão de dirigir um partido do tamanho e da grandeza do nosso, e também entendeu como lidar com os nossos dilemas e problemas internos. Agora, acredito que o Rui terá novas missões ao sair da presidência do partido."

Afonso Florence

Deputado federal (PT-BA) e ex-líder na Câmara

Nilson Bastian / Câmara dos Deputados

"Rui conduziu o PT em um dos momentos mais difíceis. O saúdo com a certeza de que novas batalhas com vitória virão."

Fernando Morais

Jornalista e escritor

Paulo Pinto / Agência PT

"Posso estar enganado, mas acredito que na história do PT nenhum outro dirigente do partido enfrentou uma crise tão profunda como a que vive o Brasil no últimos meses. É nas tempestades que se conhece o comandante da embarcação. E Rui Falcão, atual presidente do partido, tem se comportado com coragem, dignidade e espírito público singulares. Vai aqui o abraço deste não petista ao Rui, um dirigente político exemplar.

José Genoíno

Ex-presidente do PT

Zeca Ribeiro / Câmara dos Deputados

"Eu convivo e milito ao lado do Rui Falcão desde os tempos em que lutávamos contra a ditadura militar. É uma pessoa firme, transparente e sincera. Juntos, vivemos a rica experiência de fundação do Partido dos Trabalhadores, em que estivemos nas mesmas chapas em alguns momentos, e em campos diferentes em outros. Ao longo dessa história, mantivemos uma relação intensa e de confiança, mesmo nos momentos de divergência política. O Rui foi muito importante nos governos de Luiza Erundina e Marta Suplicy, e nunca me esquecerei de sua participação nas discussões que travamos durante o processo de debate para a definição da campanha de Lula em 1994. Seu grande desafio, porém, ainda estava por vir. Rui foi presidente do PT num período conturbado e dramático da história do partido, que foi criminalizado e combatido por setores sectários e de direita de nossa sociedade. Se ele não estivesse na presidência, a situação do PT seria hoje muito mais complicada. Pode-se concordar com ele ou não, mas é inegável que Rui foi firme e definiu seu posicionamento, segurando uma barra pesada, sem afrouxar diante das dificuldades. É um quadro do PT que precisa sempre ser valorizado por sua história e suas posições socialistas e petistas, e que ainda vai contribuir muito com todos nós."

Paulo Pinto / Agencia PT

Eduardo Suplicy

Vereador por São Paulo

"Rui Falcão, desde abril de 2011, vem se dedicando com extraordinário esmero à presidência do PT nacional para a construção de um Brasil efetivamente justo, mais igualitário e democrático, em que todas as pessoas possam viver com mais dignidade e liberdade reais.

Sobre Rui Goethe da Costa Falcão, podemos dizer que as palavras de seu 'xará', Johann Wolfgang von Goethe, se aplicam a ele: "Quando uma criatura humana desperta para um grande sonho e sobre ele lança toda a força de sua alma, todo o universo conspira a seu favor".

Márcio Macêdo

Secretário de Finanças e Planejamento do PT

Saulo Cruz / Câmara dos Deputados

"A minha convivência com Rui Falcão sempre foi amistosa: como dirigente, deputado federal e militante, com o presidente do meu partido. Quando assumi a Secretaria de Finanças e Planejamento do PT, passei a conhecê-lo mais de perto. Descobri um companheiro leal, um dirigente zeloso com as suas atribuições e um militante com profundo compromisso com o nosso partido. Rui, na presidência do PT, talvez tenha enfrentado um dos piores momentos do nosso partido e se manteve sereno, firme na defesa da nossa história, dos nossos símbolos, das nossas bandeiras e dos nossos princípios. A história registrará esse momento."

Luizianne Lins

Deputada federal do Ceará

Nilson Bastian / Agência Câmara

"Tenho muito orgulho de ter tido Rui Falcão como presidente do meu partido e posso dizer que minha admiração só cresceu nos últimos anos. Rui assumiu a presidência do PT em um momento de extrema crise e perseguição aos nossos companheiros. Nesse tempo, foi defensor intransigente da democracia, denunciou o golpe de forma incansável, foi voz ativa contra o afastamento da presidenta Dilma e em defesa do nosso partido. Seu mandato foi marcado pelo diálogo, pelo respeito aos diferentes pensamentos e posicionamentos dentro do partido e pela defesa da unidade partidária. Em situações de conflito, Rui foi sempre um mediador justo, o que o levou em certos momentos a ser incompreendido por alguns, que mesmo assim eram tratados por ele com elegância e respeito. Por trás de seu jeito tranquilo e sereno, vemos um dirigente de caráter firme, forte e coerente. Que essa postura possa virar uma tradição dentro do Partido do Trabalhadores!"

Bruno Elias

Secretário nacional de Movimentos Populares do PT

Lula Marques / Agência PT

"Entre 2014 e 2017, o Partido dos Trabalhadores, presidido no período pelo companheiro Rui Falcão, engajou-se nas mobilizações do campo democrático-popular contra o golpe e em defesa dos direitos e da democracia. Na luta pela reforma do sistema político, o PT participou ativamente do Plebiscito Popular pela Constituinte, que contou com o apoio de mais de 7 milhões de pessoas em todo o país. Outro momento decisivo de construção de unidade entre movimentos populares, partidos de esquerda e organizações da classe trabalhadora foi a constituição da Frente Brasil Popular (FBP), da qual o PT participa desde o primeiro momento. Para o próximo período, segue o desafio de conectar cada vez mais a organização do PT com as lutas da CUT, da FBP e dos movimentos. As lutas sociais e a reorganização militante do partido têm centralidade em uma nova estratégia socialista para o PT."

Maristella Victor de Matos

Secretária nacional de Mobilização do PT

Natanael Teles

"Esta gestão da Direção Nacional do PT teve um marco importante: foi a primeira composta com paridade de gênero e 20% de cotas etnicoraciais e de juventude. Um desafio enorme, mas fundamental para a luta histórica do feminismo, da juventude, dos negros e negras e, principalmente, do partido, que tem essas bandeiras como fundamentais para a democracia. Nessa diversidade, foi importante o papel do Rui Falcão, um presidente muito presente e muito ciente da responsabilidade de sua gestão, no sentido do empoderamento dessa direção e de seus dirigentes. Tivemos uma gestão participativa e, em certa medida, compartilhada. Há muito ainda a avançar nesse sentido, mas o primeiro passo foi dado e o Rui foi fundamental para que isso acontecesse."

Ricardo Stuckert/ Instituto Lula

Reunião do Conselho Consultivo da Presidência do PT realizada em fevereiro de 2016

Conselho amplia diálogo do PT com a sociedade

Aprovado durante a realização do 5º Congresso do PT, em junho de 2015, grupo agrega intelectuais e sindicalistas, além de representantes de movimentos sociais e do meio artístico

O Conselho Consultivo da Presidência é uma instância política, criado durante a gestão de Rui Falcão para aprofundar as discussões do PT com representantes de destaque da sociedade. "É uma forma de ouvirmos as opiniões de pessoas de diferentes áreas que estão do lado de nosso campo ideológico, mas que necessariamente não são filiados a partidos", explica Rui. "Tomamos a decisão por entender que esse olhar de fora contribuiria com a formação e elaboração de estratégias e a construção de cenários políticos", completa.

A instituição do Conselho Consultivo da Presidência foi aprovada durante a realização do 5º Congresso do PT, em junho de 2015. Em setembro do mesmo ano, o grupo se reuniu pela primeira vez, em São Paulo. Segundo Falcão, um dos documentos oriundos desses encontros, que tratava de questões econômicas, foi entregue à presidenta Dilma.

O Conselho é integrado por 30 pessoas, entre intelectuais, professores universitários, representantes de comunidades sociais e do meio artístico. Por seu caráter consultivo, não se trata de mais uma instância dirigente. A experiência foi considerada tão exitosa que o PT decidiu destinar 10% dos lugares no 6º Congresso "Marisa Letícia Lula da Silva" a convidados do partido, que terão direito a voz, mas não a voto.

Lista inicial dos membros do Conselho da Presidência do PT

- **Artur Henrique da Silva Santos,** *secretário municipal do trabalho do governo Haddad, hoje é diretor da Fundação Perseu Abramo*
- **Breno Altman,** *jornalista e diretor do Opera Mundi*
- **Camilo Santana,** *governador do Ceará*
- **Emir Sader,** *professor, sociólogo e cientista político*
- **Eric Nepomuceno,** *jornalista e escritor*
- **Fernando Haddad,** *ex-prefeito de São Paulo*
- **Fernando Morais,** *jornalista e escritor*
- **Fernando Pimentel,** *governador de Minas Gerais*
- **Gilberto Carvalho,** *assessor da bancada do Partido dos Trabalhadores no Senado*
- **José de Abreu,** *ator*
- **Juvandia Moreira Leite,** *presidenta do Sindicato dos Bancários São Paulo*
- **Ladislau Dowbor,** *economista*
- **Leonardo Boff,** *professor e teólogo*
- **Luiz Dulci,** *ex-ministro e diretor do Instituto Lula*
- **Luiz Moreira,** *conselheiro nacional do Ministério Público e professor de direito*
- **Luiz Marinho,** *presidente do PT do Estado de São Paulo*
- **Luis Inácio Lula da Silva,** *ex-presidente da República*
- **Marcio Pochmann,** *professor, economista e presidente da FPA*
- **Marco Aurélio Garcia,** *professor e dirigente do Partido dos Trabalhadores*
- **Marilena Chaui,** *professora e filósofa da USP*
- **Paulo de Tarso Vannuchi,** *ex-ministro de Direitos Humanos e diretor do Instituto Lula*
- **Rafael Marques,** *presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC*
- **Raimunda Monteiro – Raimundinha,** *reitora da Universidade do Pará*
- **Renato Simões,** *Conselho Estadual de Defesa da Pessoa Humana*
- **Rui Costa,** *governador da Bahia*
- **Sandra Barsotti,** *atriz e ativista cultural*
- **Tião Viana,** *governador do Acre*
- **Vagner Freitas,** *presidente da CUT*
- **Valter Pomar,** *professor e dirigente do PT*
- **Walfrido dos Mares Guia,** *ex-ministro e empresário.*
- **Wellington Dias,** *governador do Piauí*

Ricardo Stuckert/ Instituto Lula

O escritor e jornalista Eric Nepomuceno durante reunião do conselho, ao lado de Lula, Rui e Fernando Morais

"Abrir o abraço para os críticos do PT"

"Não sou filiado ao PT. Aliás, jamais me filiei a partido algum. Não sou nem sócio do Fluminense. Portanto, é na condição de alguém que não tem nenhuma ligação formal com o PT, é com um olhar externo, que opino.

Primeiro, devo dizer que sou e sempre fui muito crítico ao PT.

Nada disso, porém, me impediu de, com o tempo, apoiar, na medida das minhas parcas forças, não só as presidências de Lula, como as de Dilma. E, claro, defender o que se fez ou se tentou fazer. Até em minhas eventuais críticas, fiz, sempre, questão de deixar claro que criticava estando ao lado de seus governos. Ou seja: em última instância, criticava a favor.

Há um par de anos – não, não cometerei a hipocrisia de buscar na agenda a data exata – fui convidado (digamos há coisa de ano e meio, talvez dois) a integrar o Conselho da Presidência do partido. Formado, como é o meu caso, não só por militantes do PT, mas por pessoas que, como eu, não somos filiadas ao partido.

Entendo que tenha sido uma iniciativa do presidente do PT, Rui Falcão.

Pois quero dizer que foi uma atitude digna e valente. Porque nas reuniões que tivemos ouvi depoimentos comovedores, críticas abertas e leais e também declarações de fé, uma fé que confesso que não sei se conseguirei manter, num futuro que vejo cada vez mais nebuloso para o nosso país e a nossa gente. Essa iniciativa de propor uma discussão intensa e contundente sobre a contribuição do partido ao país, e a busca de meios para que essa contribuição se concretize, foi uma iniciativa de Rui Falcão.

Teve essa digna coragem: abrir o abraço para receber os eventuais críticos que, no fundo, não são mais do que companheiros de batalha.

Pelo que me informo, também dentro do partido – do qual, insisto, não faço parte – ele, Rui Falcão, teve uma condução firme, em tempos de temporais. Quem vier a sucedê-lo em tempos de problemas extremamente sérios no cenário nacional terá, ao menos, o alívio dessa herança."

Eric Nepomuceno

"Diretas Já" para eleger um governo legítimo e popular

A reforma do sistema político brasileiro foi prioridade para a presidência do PT. Conjuntura adversa impediu que mudanças acontecessem, mas o tema é fundamental para reforçar a governabilidade e a democracia no país

Desde o século passado, o PT vem lutando por uma ampla reforma do sistema político-eleitoral, difícil de realizar em função da resistência das classes dominantes e dos partidos conservadores. Em sua gestão, Rui Falcão sempre combateu o discurso fácil dos que se opunham a qualquer mudança e também dos que sugeriam alterações contrárias à participação mais ampla da população, como é o modelo, por exemplo, do chamado "distritão".

No decorrer dos últimos anos, o PT concentrou-se na defesa do financiamento público das campanhas – em oposição ao financiamento privado, que acabou sendo vedado pelo Supremo Tribunal Federal (STF) logo depois que o partido proibiu diretórios e filiados de receberem contribuições empresariais.

Avançou, também, na proposta de votação em listas, que favorece o fortalecimento dos partidos e as campanhas com conteúdo programático. E propôs que as listas, democraticamente ordenadas, incluíssem a alternância de gêneros, a fim de ampliar a participação das mulheres nos parlamentos.

No debate que se trava atualmente no Congresso, o PT também defende o fim das coligações proporcionais e a cláusula de desempenho progressiva, que não impeça a livre organização partidária nem sacrifique os partidos ideológicos, mas impeça a proliferação de partidos criados apenas para negociar o fundo partidário e o tempo na mídia.

Em artigo publicado em maio de 2013, antes das manifestações de junho, o

Em manifestação das centrais sindicais e movimentos sociais em defesa da Petrobras, em São Paulo, em março de 2017, jovem pede reforma política

Marcelo Camargo/ Agência Brasil

presidente Rui Falcão já alertava para a urgência da aprovação do financiamento público exclusivo das campanhas eleitorais. **"Trata-se do melhor meio para acabar com a influência do poder econômico, que dificulta o exercício pleno da soberania popular por meio do voto livre. Ajuda, também, no combate à corrupção, ao quebrar a conhecida simbiose entre doação privada de campanha e as contrapartidas de certos políticos, após a eleição, à custa dos cofres públicos"**, escreveu Falcão.

Ele apontou outra vantagem desse tipo de medida, que seria o imediato barateamento das campanhas, uma vez que os recursos seriam finitos e divididos entre os partidos, evitando os excessos de publicidade e promoção individual de alguns candidatos. Em 2015, o STF proibiu o uso de recursos privados nas eleições, mas liberou as doações pessoais dos próprios candidatos a um limite de 20% de seus recursos pessoais. O resultado foi desastroso, pois beneficiou candidatos que fizeram uso de suas fortunas para desequilibrar o jogo.

A paridade de gênero é uma boa briga que o PT quer comprar, sobretudo porque já fez sua lição de casa e desde 2011 instituiu o mecanismo na composição das direções, delegações, comissões e secretarias.

Mas, para que possa realizar uma mudança mais ampla, inclusive uma necessária reforma do Estado e transformações estruturais, como as do sistema tributário e a democratização da mídia, é fundamental a convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte ampla, democrática e soberana, com representantes eleitos e mandato válido somente até a data da promulgação das novas regras.

Diretas Já

No momento atual, em meio a uma aguda crise econômica, política, institucional e moral, fica cada dia mais nítida para a população a necessidade de antecipar as eleições diretas para restabelecer a democracia violada pelo golpe e repor o país no caminho da retomada do desenvolvimento com inclusão social, distribuição de renda e geração de empregos.

Caberia, então, ao novo presidente, eleito democraticamente, aplicar um programa econômico de emergência e convocar uma assembleia que reconstituísse regras hoje desmontadas pelo governo golpista de Temer.

É preciso levar em conta, porém, que, dada a correlação de forças atual, há quem entenda, dentro e fora do PT, que seria precipitada a convocação de uma assembleia com esta amplitude. Mas o debate, o acúmulo de forças, a mobilização social e a abertura de um processo constituinte podem amadurecer as condições para que isso se viabilize.

A reforma do sistema político é fundamental para afastar da vida pública políticos que não têm compromisso com a população. É também a melhor maneira de aprimorar nossa democracia, que foi duramente castigada pelo golpe contra a presidenta Dilma Rousseff.

Wilson Dias/ Agência Brasil

A CUT, com apoio do MST, da Cufa, do Cimi, da ABGLT, ABI e Consulta Popular, entre outros, realizou ato político na Câmara dos Deputados, pedindo plebiscito para a reforma política, em fevereiro de 2015

A dura batalha pela democratização da mídia monopolizada

Nos últimos anos, o PT encabeçou a luta pela criação de um marco regulatório para a área de comunicação nos moldes dos que existem na Inglaterra e nos Estados Unidos. A legislação é necessária para limitar o poder político dos grupos de mídia

Muita gente reclama quando o PT defende a democratização dos meios de comunicação no Brasil. Imediatamente, nos acusam de querer impor a censura aos meios de comunicação e ao trabalho dos jornalistas. Nada mais fantasioso. O que tramita hoje no Congresso é uma pequena, mas importante mudança dada a parcialidade do chamado jornalismo pós-verdade, que pretende apenas a definição de regras mais efetivas para garantir o direito de resposta em reportagens tendenciosas ou mal apuradas.

Trata-se de uma medida que vai ao encontro de legislações adotadas em países como Estados Unidos e Inglaterra, que promoveram mudanças a partir das transformações promovidas pela internet desde os anos 90.

A discussão proposta pelo PT para o Brasil é muito mais ampla do que sugerem os grandes oligopólios da comunicação, pois o partido já propôs, ao final do governo Lula, a criação de um marco regulatório para o setor.

Ocorre que a proposta – apresentada pelo ex-ministro Franklin Martins, após debates com a sociedade, com as empresas de comunicação, com jornalistas, em eventos com representantes da mídia de outros países – enfrenta dura resistência dos grupos que dominam o setor.

A oposição mais radical parte das sete famílias que detêm o controle de 80% dos veículos de comunicação do país. Grupos que há décadas mantêm o comando sobre emissoras de rádio, emissoras de televisão, jornais e, mais recentemente, portais de internet. Em vez de se sentarem à mesa para expor seus pontos de vista, e debater seriamente o tema, essas famílias invocam o falacioso argumento da cen-

Luia Marques/ Agência PT

Protesto em frente à Rede Globo em Brasília. No mesmo ato, a polícia jogou gás de pimenta e prendeu uma manifestante

O PT defende posições que passam longe de qualquer tipo de censura. O objetivo é incentivar a produção local de conteúdo para garantir a pluralidade de vozes, ideias e opiniões

sura para desconstruir qualquer proposta que ameace seu oligopólio. Logo eles, que submetem seus funcionários a jornadas de trabalho cada vez mais severas e impõem a censura interna, em desrespeito inclusive ao código de ética profissional.

É importante destacar que a Constituição Federal de 1988 fixou regras sobre o setor, que estão dispostas nos artigos 220, 221, 222 e 223, entre elas a proibição de monopólios e oligopólios. Ocorre que essas normas dependem de regulamentação, que até hoje o Congresso não se encorajou a votar.

Além disso, as empresas se aproveitam de outras legislações para manter suas atividades longe de qualquer tipo de controle externo, como a Lei de Imprensa, instituída durante a ditadura militar e revogada pelo Supremo em 2009, e o Código Brasileiro de Telecomunicações, que foi criado há mais de 50 anos, quando ainda nem sonhávamos com a internet.

Nos tempos atuais, porém, há uma série de questões a serem debatidas, que vão muito além da garantia do direito de resposta. Nossa Constituição determina que um percentual do conteúdo seja produzido no Brasil e que atenda à complexidade da federação e às diversas culturas regionais. Há também um importante debate sobre a objeção de consciência, que é o direito do jornalista de não produzir e assinar matérias que violem suas convicções.

Em ambos os casos, o PT defende posições claras, que passam longe de qualquer tipo de censura. Somos favoráveis, por exemplo, à produção local de conteúdo, porque entendemos que isso garante a pluralidade de meios e a diversidade de ideias e opiniões. Para isso, no entanto, é necessário discutir a questão das verbas para projetos de conteúdo. Além disso, achamos que já passou da hora de se construir um código de ética, que seja válido não só para a categoria profissional, mas também respeitado pelos proprietários das empresas de comunicação.

A verdade é que a força dos monopólios e a ausência de um marco regulatório dificultam o aprofundamento da democracia no Brasil, sobretudo agora que o país convive com um governo usurpador e ilegítimo.

Veja-se a vergonhosa campanha difamatória levada a cabo pelas emissoras de tevê e jornais alinhados contra o PT e o ex-presidente Lula. O jornalismo factual, que ouve os dois lados de uma situação e garante espaços equilibrados na cobertura, foi substituído pelo jornalismo declaratório e de viés eminentemente político-partidário.

Basta computar os minutos dedicados a combater o PT, e toda a conspiração que se seguiu, para compreender a necessidade de um marco regulatório que estabeleça parâmetros que guiem a cobertura jornalística e impeçam a manipulação, a ocultação, a descontextualização e a distorção dos fatos como vem ocorrendo.

Afinal, canais de tevê e emissoras de rádio são concessões públicas, que não podem continuar operando em desrespeito às próprias regras implicadas na concessão.

Como presidente do PT, Rui Falcão sempre defendeu a importância de se criar o marco regulatório. **"A sociedade brasileira precisa pensar em parâmetros e regras que não impliquem restrição de conteúdos, mas em normas de funcionamento para esses meios, que são cada vez mais poderosos, formam opinião e difundem interesses. Nessa perspectiva, a própria legislação exige um marco regulatório"**, diz Falcão.

A construção do marco regulatório é um desafio para o país. Esperamos que as resistências que hoje se impõem sejam vencidas, sobretudo pelos movimentos sociais que lutam pela democratização da comunicação. O marco regulatório não representa qualquer tipo de cerceamento de liberdade de expressão, ao contrário do que alegam os donos do poder. O PT apenas luta para que a comunicação seja um fator essencial para o desenvolvimento econômico, da democracia, do conhecimento e da garantia das liberdades individuais, pautadas pela democratização da informação.

Paulo Pinto/ Agência PT

Vestida de palhaço, manifestante participa do debate "A Comunicação em Defesa da Democracia", na Praça do Patriarca, em São Paulo, em abril de 2016

Vamos eleger Lula em 2018

É cada vez mais urgente a constituição de uma ampla frente de partidos, movimentos, intelectuais, entidades, lideranças de esquerda democráticas e progressistas em torno de um programa a ser executado por um governo que nasça de eleições diretas

Ao encerrar esse Balanço de Gestão da Presidência do PT, faço questão de conclamar nosso partido e toda a sociedade para o grande desafio que nos espera no próximo ano: Lula presidente, com a força do povo!

O crescimento das manifestações de protesto contra o governo ilegítimo, em defesa dos direitos sociais e trabalhistas mostra, cada vez com mais nitidez para parcelas crescentes da população, que a saída para a crise é o fim do governo usurpador, que derrubou ilegalmente a presidenta Dilma, e a eleição de um novo presidente da República.

Revelam as pesquisas de opinião que o povo quer uma saída imediata do golpista Michel Temer para interromper o desmonte da Previdência, acabar com as terceirizações, impedir a revogação da CLT e a desnacionalização da economia.

Na maioria dos atos públicos, também, os gritos de "Volta, Lula" e "Lula Presidente" têm o significado de um programa de mudanças. Aspiração nacional, mais ampla até que uma indicação do PT, o retorno de Lula à chefia do governo nacional deixa aflitas as classes dominantes e esperançosas as classes populares. O legado de seus governos, que semeou saudades no coração dos mais carentes, impulsiona as enquetes dos institutos, todas elas apontando larga vantagem sobre todos os concorrentes, seja qual for o cenário.

Mas, como se sabe, pesquisas não ganham eleição. O que garante a vitória é apoio popular, campanha programática com mobilização e voto na urna. E, no caso de Lula, é preciso garantir as condições para sua candidatura, no momento devido, visto que setores da classe dominante, em conluio com parcelas do Judiciário, do Ministério Público e da mídia monopolizada, tramam sua interdição. Além do que, há movimentos para impor o parlamentarismo, como saída de ocasião no caso da eleição do ex-presidente.

Recepção em Monteiro (PE), cidade que recebeu a água da transposição do Velho Chico, prova imenso carinho da população por Lula e pelo PT

Ricardo Stuckert/Instituto Lula

Por isso, é cada vez mais urgente a constituição de uma ampla frente de partidos, movimentos, intelectuais, entidades, lideranças de esquerda democráticas e progressistas em torno de um programa de emergência a ser executado pelo governo que nasça de eleições diretas. E que sustente uma governabilidade social para além da necessária maioria parlamentar, a ser eleita nos marcos de uma reforma política com listas partidárias e financiamento público.

Lula presidente significa o resgate de um projeto de desenvolvimento que colocou os pobres no orçamento, que construiu políticas públicas com participação popular, que aumentou a autoestima do povo, reduziu as desigualdades sociais, criou novos direitos, tornou o Brasil respeitado internacionalmente. Mas significa também um futuro com reformas estruturais, com um novo Estado, com uma mídia democrática, mais liberdade, justiça e felicidade.

Rui Falcão
Presidente nacional do PT

> "No caso de Lula, é preciso garantir as condições para sua candidatura, no momento devido, visto que setores da classe dominante, em conluio com parcelas do Judiciário, do Ministério Público e da mídia monopolizada, tramam sua interdição"

Muito Obrigado a vocês

Foram mais de seis anos – de 29 de abril de 2011 até junho de 2017 – ao lado de companheiros e companheiras do Diretório Nacional, de todas as tendências, com quem convivi democraticamente, com quem aprendi muito e a quem devo gratidão e reconhecimento. Muito colaboraram comigo, funcionários (as) e assessores (as), representados (as) no meu dia a dia pelo companheiro Francisco Campos. Um especial agradecimento também pelas reflexões sempre precisas da Fundação Perseu Abramo.

Portanto, tudo que construímos neste período é obra coletiva, embora, sem falsa modéstia, caiba ao presidente um certo protagonismo. Inclusive, como principal responsável e alvo da maior parte das críticas por erros e falhas, sobretudo nos momentos mais difíceis que vivenciamos.

Creio que a prestação de contas, a crítica e a autocrítica são requisitos obrigatórios de um mandato eletivo, seja ele parlamentar, executivo ou de dirigente partidário. Faz parte também dos ritos e tradições do nosso partido. É claro que os textos desta publicação, mais concentrados na atuação da Presidência, não esgotam o período da nossa gestão – até porque o 6º Congresso aprofundará um balanço dos governos petistas e também da atuação partidária, propondo mudanças de orientação e de funcionamento.

Da mesma maneira, os (as) demais integrantes da Comissão Executiva Nacional e do Diretório Nacional, das secretarias, dos setoriais terão a oportunidade de dialogarem sobre seu trabalho, atividades, experiências e resultados. Seja em publicações ou na nossa página na internet.

Citações individuais sempre nos expõem ao risco de omissões e injustiças. Mas não estarei preterindo ninguém ao destacar o presidente de honra do PT, e do Brasil, o companheiro Lula. A ele devo o apoio, que nunca me faltou. E o sábio aconselhamento a que sempre recorri.

Procurei dar o melhor de mim ao PT, ao nosso projeto e, assim, à nossa militância, que admiro e estimo. Se mais não pude, pelo menos tenho tentado. Continuo na luta. Sempre. Pela libertação dos companheiros condenados e presos injustamente! Fora Temer! Diretas Já! Nenhum Direito a Menos! Viva o Partido dos Trabalhadores e das Trabalhadoras!

Rui Falcão

Membros do Diretório Nacional 2010/2014

Adilson Pires
Alberto Lopes Cantalice
Alexandre Luis César
Ana Júlia de Vasconcelos Carepa
André Luiz Vargas Ilário
Arlete Avelar Sampaio
Benedita Souza da Silva Sampaio
Candido Elpidio de Souza Vaccarezza
Carlos Henrique Árabe
Carlos Magno Ribeiro da Costa
Delcidio do Amaral Gomes
Devanir Ribeiro
Eloi Alfredo Pieta
Estela Alexandre Almagro
Estilac Martins Rodrigues Xavier
Fabiano Pereira
Fatima Cleide Rodrigues da Silva
Francisco José Campos Rodrigues
Geraldo Magela Pereira
Givaldo Vieira da Silva
Gleber Naime de Paula Machado
Gleisi Helena Hoffmann
Iole Iliada Lopes
Iriny Nicolau Corres Lopes
Jilmar Agustinho Tatto
João Paulo Cunha
João Paulo Lima e Silva
João Vaccari Neto
Jorge Luiz Cabral Coelho
Jorge Ricardo Bittar
Jose Barroso Pimentel
José Dirceu de Oliveira e Silva
José Eduardo de Barros Dutra
José Genoino Neto
José Mentor Guilherme de Mello Netto
José Nobre Guimarães
José Reudson de Souza
Luciane Maria Carminatti
Luiz Albuquerque Couto
Luiz Soares Dulci
Luizianne de Oliveira Lins
Marcel Martins Frison
Márcio Costa Macêdo
Marco Antonio Pereira de Oliveira
Marco Aurélio de Almeida Garcia
Maria Aparecida de Jesus
Maria Bernadete da Silva Accarino
Maria Dalva de Souza Figueiredo
Maria de Fátima Bezerra
Maria de Fátima Nunes do Carmo
Maria do Carmo Lara Perpétuo
Maria do Rosario Nunes
Maria Eunice Dias Wolf
Maria Marinete Merss
Maria Regina Sousa
Maria Teresa Leitão de Melo
Mariene Pantoja de Lima
Markus Sokol
Marta Teresa Suplicy
Mauro Rubem de Menezes Jonas
Moema Gramacho
Mônica Valente
Neyde Aparecida da Silva Barreto
Oswaldo Dias
Patrus Ananias de Sousa
Paulo Adalberto Alves Ferreira
Paulo Frateschi
Raul Jorge Anglada Pont
Renata Alvarez Rossi
Renato Simões
Ricardo José Ribeiro Berzoini
Romênio Pereira
Rui Goethe da Costa Falcão
Serge Goulart
Sonia Souza do Nascimento Braga
Tarso Fernando Herz Genro
Valter Ventura da Rocha Pomar
Vander Luiz dos Santos Loubet
Vilson Augusto de Oliveira
Virgilio Guimarães de Paula
Weliton Fernandes Prado

Membros do Diretório Nacional 2014/2017

Adilson Nogueira Pires
Adriano de Oliveira
Alberto Lopes Cantalice
Ana Lucia Lippaus Perugini
Anete Negreiros Andrade
Anne Karolyne Moura de Souza
Antonio Roberto Otoni Gomide
Berenice Gomes da Silva
Betania Maria Zarzuela Alves de Avelar
Bruno de Oliveira Elias
Carlos Henrique Goulart Arabe
Cassio Nogueira da Conceição
Clarissa Lopes Vieira Alves da Cunha
Cláudio Alberto Castelo Branco Puty
Crisoleide Cristina Ricardo Dorigo
Debora Francisco Pereira
Doralice Nascimento de Souza
Durval Angelo Andrade
Edson Antônio Edinho da Silva
Flora Izabel Nobre Rodrigues
Florisvaldo Raimundo de Souza
Francisco Daniel Celeguim de Morais
Gislaine Ziliotto
Gleide Andrade de Oliveira
Isabel Bampi de Souza
Jackeline Oliveira Rocha
Jandyra Massue Uehara Alves
Jefferson Ferreira Lima
João da Costa Bezerra Filho
João Paulo Lima E Silva
João Vaccari Neto
Joaquim Cartaxo Filho
Jorge Luiz Cabral Coelho
José Airton Felix Cirilo da Silva
José Americo Ascencio Dias
José Jorge Rodrigues Branco
José Nobre Guimaraes
Josias Gomes da Silva
Jucara Maria dutra Vieira
Juliana Cardoso
Kelly Cristina da Costa
Laura Soares Sito
Lenita Cruz de Souza
Liliane Barbosa de Oliveira
Luis Cesar Bueno e Freitas
Luiz Paulo Teixeira Ferreira
Luiz Soares Dulci
Luizianne de Oliveira Lins
Márcio Costa Macêdo
Marco Aurelio de Almeida Garcia
Maria Aparecida Roberto Ferreira
Maria Assunção Sousa de Aguiar
Maria do Rosario Nunes
Maria Margarida Martins Salomão
Maria Selma de Moraes Rocha
Maria Teresa de Aguiar Notari
Maristella Victor de Matos
Markus Sokol
Marta Regina Domingues
Moema Isabel Passos Gramacho
Mônica Valente
Natalia Cindra Fonseca
Pamela Mussi Valdez
Paulo Adalberto Alves Ferreira
Raiane Queiroz Pimentel
Raul Jorge Anglada Pont
Reginaldo Lázaro de Oliveira Lopes
Renato Simoes
Ricardo José Ribeiro Berzoini
Rita de Cássia Menezes de Calazans
Rodrigo de Sousa Soares
Romênio Pereira
Rosana Ramos da Conceição
Sheila Maria Assis de Oliveira
Silbene Santana de Oliveira
Sônia Souza do Nascimento Braga
Tarso Fernando Herz Genro
Vilson Augusto de Oliveira
Vivian Cristiane Gomes de Farias
Wellington Moreira da Silva
Wilmar Lacerda

Comissão Executiva Nacional

Rui Goethe da Costa Falcão
Presidente

Carlos Zarattini
Líder do PT na Câmara

Gleisi Hoffmann
Líder do PT no Senado

Alberto Lopes Cantalice
Vice-Presidente e Secretário de Comunicação

Gleide Andrade de Oliveira
Vice-Presidente

Jorge Luiz Cabral Coelho
Vice-Presidente

José Nobre Guimarães
Vice-Presidente

Paulo Teixeira
Vice-Presidente

Romênio Pereira
Secretário Geral

Florisvaldo Raimundo de Souza
Secretário de Organização

Márcio Costa Macêdo
Secretário de Finanças e Planejamento

Carlos Henrique Goulart Árabe
Secretário de Formação

Mônica Valente
Secretária de Relações Internacionais

Bruno de Oliveira Elias
Secretário de Movimentos Populares

Maristella Victor de Matos
Secretária de Mobilização

Anne Karolyne Moura de Souza
Secretária de Desenvolvimento Econômico

Vivian Cristiane Gomes de Farias
Secretária de Coordenação Regional

Juliana Cardoso
Vogal

Rita de Cássia Menezes Calazans
Vogal

Flora Izabel Nobre Rodrigues
Vogal

Liliane Oliveira
Vogal

Secretarias Setoriais

Laisy Moriére Cândida Assunção
Secretária Nacional de Mulheres

Edmilson Souza Santos
Secretário Nacional de Cultura

Elvino Bohn Gass
Secretário Agrário Nacional

Gilney Viana
Secretário Nacional de Meio Ambiente

Indalécio Wanderley Silva
Secretário de Política Sindical

João Paulo Farina
Secretário Nacional de Juventude

Nelson Murilo Padilha
Secretário de Combate ao Racismo

Reginaldo Lázaro de Oliveira Lopes
Secretário de Relações Institucionais

Fundação Perseu Abramo

Marcio Pochmann
Presidente

Fátima Cleide
Vice-Presidenta

Artur Henrique da Silva Santos
Diretor

Isabel dos Anjos Leandro
Diretora

Joaquim Soriano
Diretor

Rosana Ramos
Diretora

Ricardo Stuckert/Instituto Lula

São Paulo
Rua Silveira Martins, 132 - Centro
Cep: 01019-000 - Tel.: (11) 3243-1313

Brasília
Setor Comercial Sul
Quadra 2 - Bloco C - Edifício Toufic
Cep: 70302-000 - Tel.: (61) 3213-1313

pt.brasil

@ptbrasil

@pt13_oficial

www.pt.org.br